

Mediação pedagógica em EAD: um olhar sobre a prática e a formação docente

Ramaiana Dantas de Moraes
ramaiana_morais@yahoo.com.br
Rochele Kalini de Melo Ribeiro
rochelekalinimelo@gmail.com

Não é mais possível aprender tudo de cor. Um homem instruído não é mais aquele que sabe muitas coisas; é o homem que sabe onde buscar a informação. (*Jacques Arsac*)

RESUMO

Este artigo tem por finalidade discutir a importância das novas tecnologias na mediação pedagógica, dado o entendimento, hoje, da necessidade de uma formação docente consistente e inovadora em suas ferramentas de interação. Para isso, o uso das novas tecnologias se faz preciso e eficaz no processo de mediação entre o docente e o discente, corroborando com o canal de interação e o compartilhamento de saberes. Desse modo, a ampliação do conhecimento proporcionado pelo uso dessa tecnologia digital democratiza o saber e realiza uma inclusão social eficaz. Para refletirmos sobre essa importância das tecnologias digitais na mediação pedagógica, utilizaremos as reflexões de Freire (2011), Moran (2001), Belloni (2001), entre outros.

Palavras-chave: Mediação pedagógica; Novas tecnologias; Interação.

ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of new technologies in teaching mediation. Today we understand the need for a consistent and innovative teacher training in their interaction tools. For this, the use of new technologies is done accurately and effectively in the mediation process between the teacher and the student, confirming the channel of interaction and knowledge sharing. The expansion of knowledge provided by the use of this digital technology democratized knowledge and carries out an effective social inclusion. To reflect on the importance of digital technologies in pedagogical mediation, we will use the reflections of Freire (2011), Moran (2001), Belloni (2001), among others.

Keywords: Pedagogical mediation; New technologies; Interaction
INTRODUÇÃO

Segundo Houaiss (2010), o mediador é aquele que intervém, que concilia, gerencia discussão em grupo, moderando e equilibrando, de forma gerenciadora, as diversas ideologias apresentadas. Partindo dessa concepção primeira da palavra mediação, passamos a refletir essa intervenção gerenciadora do educador como intermediador do conhecimento no espaço de aprendizagem no qual está inserido. Com base nesse entendimento, verificamos que o docente vive, a cada interação e intervenção nesse espaço, uma possibilidade de construir, desconstruir e criar novas estratégias e ações durante essa mediação, no decorrer do desenvolvimento desse diálogo, entendendo que não existirão situações previsíveis, nem tampouco estratégias prontas para solucionar os problemas.

A cada enfrentamento, esse mediador buscará ferramentas além das teorias estudadas em sua formação. Compreender a dinamicidade do processo de aprendizagem faz com que o professor, mesmo diante das incertezas, saiba agir e tomar decisões. Essas dúvidas vivenciadas pelos professores acerca da prática docente vão além dos seus conhecimentos teórico e científico adquiridos em sala de aula.

Uma reflexão sobre as características das formações inicial e continuada em algumas profissões, principalmente nas licenciaturas, nos leva a uma observação centralizadora quanto aos processos de aprendizagem de alguns conhecimentos, ignorando, por algumas vezes, as habilidades para o desenvolvimento e o bom desempenho da profissão em curso. Segundo Zaballa e Arnau (2010), essas formações se dissociam da prática:

Uma revisão dos programas oficiais dos diferentes cursos universitários e das disciplinas – com uso temário (disciplina) podemos observar a tendência para organizar os programas por assuntos, quer dizer, por blocos de conhecimentos – dos concursos para a maioria dos lugares da administração pública permite-nos enxergar como eles estão organizados ao redor dos conhecimentos, ou seja, ao redor do domínio do corpo teórico dos diferentes âmbitos profissionais (ZABALLA; ARNAU, 2010, p.18).

Se os conteúdos das disciplinas de formação desse educador são conceituais e dissociados da prática docente, percebe-se que esse desligamento ou separação entre prática e teoria respinga em todo o processo de ensino-aprendizagem, que vai desde o concurso público para docentes até sua avaliação em sala de aula. Esses cursos de formação ainda persistem em uma grade curricular obsoleta e, por algumas vezes, baseadas em bibliografias tradicionais.

Durante esse percurso de formação, as disciplinas de formação em prática docente (didática) pouco corroboram com o profissional em formação. A base dos cursos de licenciatura é pautada em transmissão técnica e em produção de conhecimento massificada. Assim, os objetivos a serem alcançados em sala de aula por esse profissional formado baseiam-se em sua vivência como aluno, que são: ensinamento de conteúdo (centralização de conhecimento); aulas expositivas, como o único processo didático capaz de mediar conhecimento, e a prova como único recurso avaliador capaz de sondar a aprendizagem do educando.

Assim, chega-se a conclusão de que a prática não é apenas aplicação de regras e procedimentos estanques parados no espaço e no tempo. Para Perrenoud (2001), o professor está constantemente diante de incertezas:

A urgência refere-se à necessidade de compreender a dinamicidade de um sistema complexo, no qual o docente tem que agir, tomar decisões e fazer encaminhamentos, cujos resultados são marcados por incertezas (PERRENOUD, 2001, p. 14)

Essas incertezas dos profissionais da educação em suas vivências docentes tornam-se um desafio para suas práticas em sala de aula. Diante dessa observação, alguns questionamentos persistem: Por que se insiste nesses métodos obsoletos? A dificuldade em mudar esses métodos advém dessa desvalorização das disciplinas de formação desse profissional? Por que há uma rejeição das tecnologias como possibilidade de mudança nesses métodos de mediação de aprendizagem? O uso das tecnologias auxiliaria na transformação e no avanço de novos métodos de ensino?

No que diz respeito às técnicas de ensino, as tecnologias aparecem como “ferramenta” primeira no processo de partilhamento e compartilhamento de conhecimento dentro dessa concepção moderna de vida e de aprendizagem. Para entendermos melhor essa concepção de modernidade, faremos um breve passeio pela construção dessa concepção moderna e sua influência no sistema educacional.

BREVE HISTÓRICO

Segundo Belloni (1991), a globalização não é um fenômeno apenas econômico. Esse movimento trouxe mudanças e transformações sociais, construindo estilos e formas de vida alternativas. Nesse movimento de mudanças em vários setores sociais, o sistema de ensino também é afetado por esse fenômeno tecnológico e surge a EaD, em meados do século XX, em meio ao desenvolvimento desenfreado de máquinas e meios de comunicação.

Com a sedimentação e a confiança no surgimento dessas tecnologias, aparecem experiências no sistema educacional de forma inovadora. Segundo Belloni (1983), a EaD é uma forma de estudo complementar à era industrial e tecnológica, ou seja, uma forma industrial de educação. Nessa perspectiva, ensinar a distância também é um “processo industrial de trabalho” baseado no

modelo fordista de produção. Moran (1994) conceitua a Educação a distância de forma clara e concisa:

Educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. Apesar de não estarem juntos, de maneira presencial, eles podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet. (MORAN, 1994, p.13)

Devemos lembrar que o conceito de Educação a distância está atrelado ao entendimento primeiro sobre educação. De acordo com Libâneo (1990), a educação corresponde a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços da personalidade social:

[...] é um [...] processo de desenvolvimento omnilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas, físicas, morais, intelectuais, estéticas - tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais [...] A Educação corresponde [...] a toda a modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideias, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação em face de situações reais e desafios da vida prática. (LIBÂNEO, 1990, p. 22-23).

A partir dessa concepção de Libâneo (1990), pode-se entender a EaD como colaboradora desse compartilhamento e formação de saberes. Se a educação é formadora dessa “personalidade social”, a Educação a distância, com o auxílio da tecnologia digital, traz novas possibilidades nessa formação e informação, democratizando o conhecimento e, consequentemente, possibilitando uma inclusão social.

O modelo fordista, quando adaptado à educação, surge com toda a carga técnica e imediatista desse processo. O conhecimento, a partir dessa concepção imediatista, torna-se algo volátil. Essa urgência e rapidez da informação que chega não nos permite, algumas vezes, fazer verificações sobre a consistência desse conhecimento, principalmente da veracidade dessa informação.

Essas transformações do mundo capitalista, sua dinamicidade e expansão de produção, trouxeram um novo olhar para o sistema educacional e, com isso, a exigência de um novo perfil profissional. A modalidade à distância, por trazer traços do modelo econômico fordista e similaridades com as fases de produção desse processo, trouxe ainda a necessidade de algumas mudanças no sistema educacional, notadamente no perfil do educador.

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: URGÊNCIA DE UM NOVO PERFIL

O sistema educacional, assim como em vários setores da sociedade, sofreu influência do modelo fordista. Com isso, a necessidade de algumas mudanças e novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem se fez insistente. Dentre essas mudanças urgentes estão a necessidade de uma nova postura e formação do educador, partindo da reflexão sobre o novo perfil desse profissional, de sua base de formação, que é o alicerce de sua prática, e da carência em ferramentas didáticas para o desempenho de sua prática docente.

Assim como na modalidade presencial, as incertezas fazem parte da prática docente do profissional em Educação a distância, sendo a única diferença entre essas modalidades a falta de parâmetros ou situações exemplificadoras que possibilitem buscar soluções para esses problemas que surgem durante o processo de ensino. Essas situações-modelo, por algumas vezes, advêm de suas vivências como aluno, pois é de lá que o discente formula e constrói seus parâmetros. No caso da modalidade à distância, poucos profissionais que atuam nessa modalidade possuem experiência nesse processo. Eis o problema: sem parâmetros, esse profissional parte da concepção tradicional e presencial e tenta adequar (ou engessar, o que é ainda pior) os métodos da modalidade presencial à modalidade à distância.

Kenski (2003) dirá que os profissionais dessa modalidade não são diferentes, o que acontece de fato é a diferença no espaço de aprendizagem entre ambos:

Tenho a compreensão de que não somos profissionalmente diferentes porque estamos em um novo ambiente, seja ele presencial ou não. Em princípio, somos sempre os mesmos profissionais. Mas o paradoxo básico é de que “o novo

professor” que os autores listam com uma multiplicidade de papéis, precisa agir e ser diferente no ambiente virtual. Essa necessidade se dá pela própria especificidade do ciberespaço, que possibilita novas formas, novos espaços e novos tempos para o ensino, à interação e à comunicação entre todos (KENSKI, 2003, p. 143).

A prática docente dar-se-á em outro nível de interação. Esse contato não se dará pela exposição de conhecimento, mas ela expandirá em múltiplas conexões. O contato e o *feedback* da modalidade presencial serão substituídos pelo *feedback* não sincronizado. A sustentação da relação e o compartilhamento de saberes são sustentados por uma rede de interconexões infinitas que se constroem em tempo e espaço virtual. O questionamento dos docentes dessa modalidade se dá, algumas vezes, por essa ausência do contato direto com o aluno. Segundo Saldanha (2008b), a conectividade precisa ir além dessa intermediação com o texto, é preciso encontrar o outro nessa interação:

A aprendizagem no contexto do ciberespaço deve ir além de procedimentos que não passam, às vezes, de mera conectividade com textos, com informações ou mesmo com o outro. É preciso encontrar o outro, e não apenas conectá-lo; é preciso selecionar e editar criticamente as informações, e não somente acessá-las; é preciso construir o conhecimento no diálogo com os textos e com a alteridade do Outro, e não apenas buscá-lo. (SALDANHA, 2008b, p.13).

Na mediação à distância, esse contato se perde, mas outros elementos são ativados na construção dessa interação, como os *chats*, fóruns e outras formas de interatividade. Vale salientar que essas formas de interatividade não garantem necessariamente a aprendizagem, visto que essas precisam ter qualidade ativa marcada pela reflexão e re-elaboração constante, pois a Educação a distância é marcada pela metodologia ativa e pela pedagogia dialógica.

Segundo Perrenoud (2000), o docente é gerenciador e responsável pela organização do espaço de aprendizagem, havendo, com isso, a necessidade de romper com métodos obsoletos. A criatividade é a mola propulsora na

modalidade à distância, requerendo do mediador uma sensibilidade para compreender e entender as necessidades do outro que está do lado de lá.

Essa mediação pedagógica exige do professor ações concretas embasadas na interação com o discente, um comportamento motivador e instigador da aprendizagem, tendo como base o diálogo/troca com o aluno. Segundo Massetto (2000), esse movimento de troca transforma o docente em uma “ponte rolante” entre o discente e aprendizagem.

Esse processo de diálogo, de reflexão e de criticidade no processo de ensino-aprendizagem sempre fizeram parte das reflexões do educador Paulo Freire. Em uma de suas obras, ele trará a seguinte reflexão:

Ensinar não é transferir o conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar a aprender tem que ser com o esforço metodicamente crítico do aluno de ir entrando, como sujeito de aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar (FREIRE, 2011, p. 134).

O pesquisador parte do entendimento da prática como construção, compartilhamento e troca de experiência. Esse espaço de interação ganha dinamicidade com o movimento responsivo do discente. Paulo Freire utiliza o “ato de cozinhar”, em sua obra *Pedagogia da autonomia* (2011), como metáfora explicativa sobre a formação docente. A prática de cozinhar, segundo o educador, servirá não apenas para o novato da cozinha desenvolver, aperfeiçoar, formar e preparar esse profissional para os contratempos em seu processo de feitura dos pratos, como também para qualificá-lo para o mercado. Assim como esse profissional da área gastronômica, a formação e a qualificação do docente servirão para prepará-lo para as intempéries, as dúvidas e as incertezas em sala de aula.

Para Freire (2011), ensinar é criar possibilidades de produção e construção:

Se, na experiência de minha formação que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como

um paciente que recebe os conhecimentos- conteúdos acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos (FREIRE, 2011, p. 24- 25).

O pesquisador discute aqui o papel da interação e do partilhamento de saberes e a importância da interação entre docente e discente para a construção de um saber. Há, nessa reflexão freireana, o privilegiar de duas dimensões distintas: o formador e o objeto a ser formado. Vale salientar que, em Freire, essas dimensões não são estanques, visto que transitam no espaço e tempo do processo de aprendizagem e vão sendo construídas a partir do deslocamento desses sujeitos, ou seja, ambos são “atores sociais” dessa construção.

A sala de aula, nesse contexto, torna-se um “palco de vozes”, onde os sujeitos envolvidos são privilegiados em suas experiências. Cada interlocutor traz em seu turno os conhecimentos adquiridos, sejam eles enciclopédicos ou de mundo:

A experiência individual de cada pessoa se forma e se desenvolve em uma constante interação com os enunciados alheios. Esta experiência pode ser caracterizada, em certa medida, como processo de assimilação (mais ou menos criativa) de palavras (e não de palavras da língua) (BAKHTIN APUD PORTO , 2009, p. 1).

A sala de aula torna-se um palco polifônico de construção ideológica, social e democrática. Os diferentes graus de alteridade (eus) são acentuados no momento desse diálogo, desse jogo de intervenções e assimilações. Esse movimento “eurístico” é motivado por elementos, segundo Costalat-Founeau (APUD SILVA,1985), temporais, afetivos, motivacionais e caóticos. Ao observarmos esses elementos, a interação não nos parece tão simples, pois ela conta, por vezes, com o interlocutor e o seu equilíbrio de conhecimento, ou seja, há uma necessidade de conhecimentos equilibrados entre as partes.

Para Costalat-Founeau (APUD SILVA, 1985), a interação é marcada por um contrato “latente de estabilidade” (1985,p.116), ou seja, uma “lei linear de

efeito”(1985,p.116)”. Essa lei se baseia na reciprocidade como sustento desse diálogo, no ato responsivo e imediato da resposta:

Nós propomos, sem limitarmos a um puro “jogo de linguagem”, expandir o modelo de interação graças à noção de interatividade, que pode permitir levar em conta inúmeros fatores determinantes da comunicação, notadamente aqueles que são identificáveis sob o conceito de perspectivas temporais (COSTALAT- FORNEAU APUD SILVA, 2012, p. 116).

A partir desse entendimento de interação, a mediação pedagógica na EaD adquiriu importância devido à sua especificidade e necessidade de interatividade. Entretanto, vale ressaltar que essa interação sempre existiu e, mesmo na modalidade presencial, sempre utilizou os meios de comunicação como intermediadores.

Segundo Belloni (2001), a educação é e sempre foi um processo complexo que utiliza a mediação de algum tipo de meio de comunicação como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação direta com os discentes. O espaço de aprendizagem pode ser considerado uma “tecnologia”, assim como o quadro negro, o giz, o livro e outros materiais são ferramentas (“tecnologias”) pedagógicas que realizam a mediação entre o conhecimento e o discente.

Para Saldanha (2008a), é possível relativizar a presença e a proximidade de um professor, em um espaço de aprendizagem lotado, ao mesmo tempo em que se pode diminuir a distância de um professor que se faz virtualmente presente por meio de aulas em *webcast*, por transmissão via satélite ou em outros dispositivos *online* que permitem uma interação eficaz.

Na modalidade à distância, esses recursos são diversos e viabilizam a interação síncrona e assíncrona entre docentes e discentes, incitando a participação ativa desses aprendizes no espaço de aprendizagem virtual. As utilizações desses dispositivos digitais implicam o exercício e a prática de competências comunicativas por parte dos envolvidos nessa situação de aprendizagem.

Nesse processo, de autonomia e autoaprendizagem, o docente deve se entender como recurso do aprendente que está em aprendizagem autônoma,

ou seja, em um processo de ensino centrado no aprendente, cujas vivências são aproveitadas como recurso, e o professor também como um recurso desses aprendente. Esse ser aprendente é considerado autônomo e gerenciador de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e regular este processo (BELLONI, 2001).

CONCLUSÃO

A Educação a distância trouxe a possibilidade de expansão e de democratização do saber. Para isso, pauta-se em um recurso primeiro: o docente. Esse terá que entender a necessidade de qualificação e o entendimento de sua atuação profissional não só como mediador, mas também como recurso do aprendente. A Educação a distância, apesar de não ser uma modalidade nova, traz mudanças e novos paradigmas dentro do sistema educacional. A construção desses novos paradigmas no espaço de aprendizagem está embasada não somente na aprendizagem autônoma do aprendiz, como também nas especificidades do ciberespaço como novo ambiente de aprendizagem.

Apesar da crítica desenfreada que afirma ser a EaD colaboradora da massificação do saber, estando sua formação atrelada à mercantilização do ensino, as novas tecnologias estão a serviço de um novo propósito, a saber, tornar o conhecimento acessível.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luíza. **Educação a distância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

_____. A integração das tecnologias de informação e comunicação aos processos educacionais. In: BARRETO, Raquel G. (Org.). **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. P. 54-73.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOUAISS, A. e SALLES, M. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4ed. rev. e aumentada- Rio de Janeiro: objetiva, 2010, p. 511.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo:

Papirus, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 8ª ed., São Paulo: Editora Cortez, 2004.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 200. P.133-173.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto alegre: Artes Médicas, 2001.

PORTO, M. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymará, 2009, p. 10-15.

SALDANHA, Luís Cláudio Dallier. **Concepções e desafios na educação a distância**. São Paulo, ABED, 2008 a.

_____. Subjetividade no ciberespaço ou a aprendizagem nos labirintos do hipertexto. **Revista @mbienteeducação**. UNICID, São Paulo, 2008b.

SILVA, M. **Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica**. 6. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ZABALA, A. e ARNAUD, L. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Arned, 2010.